

“Os fins justificam os meios”

É um crime doutrinal, que em todos os tempos e praxes tem sido assacado aos jesuitas.

Um dia lembrou-se um protestante de pôr na bocca della essa infanda maxima, e tanto bastou para que milhares de ecchos *reclissem no mundo inteiro* a calumniosa imputação. Hicje toda a gente cêo aquelle proloquio mais proprio da Companhia, que de um negro a côr preto: proclamam-no assim os diarios e as revistas, intiram-no ás multidões pasmadas os arengadores de sala, e até bomens eruditos, como Gueroke, Hartman, Martensen, Ziegler. Gass, Lu thardt e outros, se não tem envergonhado de o fazer imprimir nas suas obras em letra redonda.

Entendamos a maxima, e entremos na questão. O que quer dizer: *Os fins justificam os meios?*

Constituições da Ordem.» Para dar, com tudo, ás suas asserções anteriores uma côr de verdade, disse que em VII, 5 (P) se concedia ao Geral a facultade de commutar qualquer peccado mortal numa obra meritoria!

É o cumulo da falsidade e do ridiculo! Nas Constituições não ha tal VII, 5; em todas ellas não se encontra phrase que de longo se pareça ás estolidas palavras da concessão alligada; e, se tal concessão existisse, ainda não ficaria provado que «os fins, para os jesuitas, justificam meios illicitos»: uma obra meritoria, com effeito, não é fim de um peccado mortal, nem este pode ser meio de merito algum.

Quanto pôde a cegueira, para não dizer o odio, em espiritos parciais!

— Se, porém, a maxima não existe no Instituto, pode sem duvida encontrar-se exposta e defendida nos escriptores da Companhia,—dirão.

Demos que sim. Que havia de inferir se dahi?

tudo aquelle que, co hecendo a malicia do roubo, o deseja praticar, ainda que seja muito bom o fim que a isso o move.

No campo da theologia morel podiam citar-se, entre os jesuitas contemporaneos ou quasi contemporaneos nossos. Gury, Lehmkubi, Balierini, Bucceroni, Palmieri, e outros sem numero, que abundam nas mesmas idéas, e cujas alligações deixariam os leitores convencidos até a saciedade de que em tempo nenhum, e muito menos hoje, foi doutrina de jesuitas que «os fins justificam meios illicitos».

OPINIÃO DE D. PEROSI SOBRE A MUSICA SACRA
A funcção liturgica é a cousa mais importante da Igreja. A musica não deve ter importancia por si só; deve ajudar, e não absorver a attenção dos fiels. Por isso, escrevendo musica sagrada para as egrejas, meu cuidado sempre tem sido trabalhar, não só in simplicitate cordis, mas tambem in simplicitate artis.



Burghausen s.º Saizach, Alta Baviera.

A um fim licito e justo, pois só deste se trata, podem levar tres especies de meios:

1.º—Meios de sua natureza licitos. Dizer neste sentido que «os fins justificam os meios» é dizer um despropósito: se os meios já são licitos não caiecem de justificação.

2.º—Meios de sua natureza indifferentes, isto é, que por si mesmos não são moralmente bons nem moralmente maus, e só se tornam taes em razão do fim a que tendem, ou das circunstancias que os accompanham. Por exemplo, fechar uma porta: é acção que só em si não inclue bondade nem malicia moral; mas, se o agente fechar a porta para impedir ao dono da casa a entrada, fará mal, e bem, pelo contrario, se a fechar para impedir a entrada de um ladrão.

Dizer neste sentido que «os fins justificam os meios» é afirmar uma grande verdade, pois realmente se o fim é bom, bons moralmente se tornam os meios que forem de si indifferentes.

Neste caso tem a maxima um sentido muito certo, muito jesuitico, muito catholico, muito salutar e muito divino. Muito jesuitico, porque todos os jesuitas assim o explicam e defendem: muito catholico, porque toda a Igreja o ensina e proclama na doutrina da recta intenção; muito salutar, porque nos anima a entesourar no céu infinitos meritos, que de outro modo perderiamos; muito divino, porque o proprio Jesus o declarou, ensinando nos que *se os nossos oitros forem simples, todo o nosso corpo será luminoso*. E por tudo isto, e por muito mais, que se emite, é ainda o mesmo sentido muito certo.

3.º—Meios de si illicitos.

Dizer neste sentido que o fim justifica os meios é asseverar um contrasenso. pois os meios illicitos são meios injustificaveis, e nada pôde justificar o que é de si injustificavel.

Em qual dos tres sentidos se attribue aos jesuitas a maxima em questão?

—Evidentemente no ultimo, isto é, de que os bons fins justificam meios de si illicitos.

É será verdade que a Companhia a exponha e defenda assim entendida?

Abramos o Instituto. —É livro muito espalhado na Europa e conhecido nas bibliothecas mais importantes della: está, pois, ao alcance de todos, quer por extenso em tres volumes, quer reduzido a Epitome, que a 3ª Congregação geral publicou, e o Geral P. Roothan augmentou e reeditou.

Encerra: as Bullas apostolicas da fundação e approvação da Ordem, as Constituições e Regras de S. Ignacio de Loyola, os decretos das Congregações geraes e as instruções dos Geraes da Companhia.

Lego no principio do Instituto se enuncia claramente o fim da Ordem, que é a salvação e perfeição das almas,—fim tão santo e elevado, que o proprio Deus não teve outro em vista, quando veiu ao mundo.

Os mais expõem nos a 4ª e 5ª parte do Instituto: «Meios de que se servem os fillos da Companhia para alcançar a perfeição propria.» «Meios de que se serve a Companhia em proveito do proximo.» Seguem-se 15 capitulos com a exposição dos referidos meios, leiam nos, estudem nos, meditem nos e proprios inimigos da Companhia, e apontem um só entre elles que, seja illicito. Mais: indiquem uma só passagem, onde se afirma que «os fins justificam meios illicitos.»

Bem a procurou lá o famoso Lutbard; mas houve de confessar «que tal maxima se não encontrava nas

Que a Companhia era responsavel por essa doutrina?

—De modo nenhum; aliás haviamos de fazel-a responder p r muitas opiniões contradictorias em todas as questões controveis da philosophia, da theologia e até das sciencias naturaes. Quem poderia com direito ou com razão fazel o?

A conclusão unica possivel seria que um jesuita (e não os jesuitas, a Companhia) tinha por verdadeiro o maior dos destemperos; e isto seria muito possivel, ainda que não muito provavel: esse jesuita, enquanto estivesse na Ordem, não podia publicar livro algum sem revisão muito séria, e não havia (nem ha, graças a Deus) revisor nem superior na Companhia, que deixasse ver a luz da publicidade a tambão disparete.

Mas pondo de parte possibilidades e probabilidades, o facto é que na Companhia não bouve nunca, e esperamos que jámas haverá, um só auctor de moral, que defendesse a perniciosas asserção de que «os fins justificam meios desillicitos.» Antes, se ha pontos (e muitos ha) em que todos os jesuitas sejam unanimes na doutrina; este é da relação entre os meios e fins nos actos humanos. Enfadoño seria trazer para aquil alligações de todos os jesuitas que tem escripto sobre o assumpto. Basta nos adduzir tres, em que deixamos respectivamente synthetizado o ensino de toda a Companhia nos seculos XVII, XVIII e XIX.

Um dos mais abalizados moralistas do seculo XVII, é sem duvida o jesuita allemão Paulo Laymam. Pois a proposito dos actos humanos diz elle claramente (Op. mar., vol I): «A bondade do fim não torna boa uma acção que é má no seu objecto, mas deixa a simplesmente e de todo o pont má (simpliciter et unde quaque inhonestia). Quem, por ex., rouba com o fim de dar uma esmola, pratica uma acção contra a justiça, portanto illicita, e não uma obra de misericordia.»

Nem a doutrina nem o exemplo podiam vir mais de moide.

Entre os moralistas do seculo XVIII occupa lugar proeminente o sr. Edmundo Veit, professor da Universidade de Vurzburg. Sobre o assumpto diz:

«A escolha de qualquer meio mau é illicita porque, como se disse, até a volição de um objecto mau, cohecido como tal, torna a volição má (simpliciter et unde quaque inhonestia). Quem, por ex., rouba com o fim de dar uma esmola, pratica uma acção contra a justiça, portanto illicita, e não uma obra de misericordia, sendo má.»

Podia deajar-se maior cl treza?

No seculo XIX um dos ultimos em data a versar o assumpto foi do P. Catherin, nos dois vol. . . que escreveu sobre a philosophia moral. Pois no capitulo subjectiva das volições, diz: «Todas as acções objectivamente indifferentes v. g., comer, trabalhar, etc., nem como todas as objectivamente boas (v. g. dar esmulas, orar, etc.) são boas ou más conforme fôr boa ou má a verdade d'onde procedem. . . Porém as acções externas, que forem objectivamente má (v. g. a mentira, o juramento falso, o roubo) nunca podem tornar se boas, porque o acto interno da vontade, que lhes dá a malicia subjectiva, é necessariamente illicito, por ser illicito o seu objecto.

—A volição, pois, de uma coisa illicita é má, e torna illicitas as acções que della procedem.

Se a vontade quer um objecto moralmente mau, não ha fim algum intrinseco, por bom que seja, que possa coonestar-lhe o acto. Procedete portanto mal

Qualquer coisa que se toque ou cante numa igreja deve afastar-nos das lembranças e paixões do mundo exterior. . . A musica religiosa de nosso tempo, embora não sugira sentimentos profanos, é muitas vezes deficiente; porque é demasiado independente e desenvolve os temas demais. Música que excite emoções só por si, não deve ter logar nos ritos da Igreja.»

OSCAR D'ALVA

(REIS CARVALHO)

SENHORA

(Continuação)

AURELIA.—Os termos da proposta devem ser estes, attenda bem: a familia da tal moça mysteriosa de seja casal a com separação de bens, dando ao noivo a quantia de cem contos de réis de dote. Si não bastarem cem e elle exigir mais, seja o dote dusetos contos.

LEMS.—Ha de bastar.

AURELIA.—Querjo que o senhor comprehenda bem o meu pensamento. Desejo, como é natural, obter o que pretendo o mais breve possivel, mas o essencial é obter e portanto até a metade do que posso; não faço questão de preço. É a miuha felicidade que vou comprar.

LEMS.—Não será caro?

AURELIA (Num transporte de alegria).—Obl eu daria por ella toda a minha riqueza. O tras a têm de graça que lhes vêm directamente do Céu. Mas não me posso queixar, pois, negro-me esse bem. Deus compadeceu-se de mim e enviou-me, quando meus escapava, tamanha berança para que eu possa realizar a aspiração de minha vida. Não dizem que o dinheiro traz todas as venturas?

LEMS.—A maior ventura que dá o dinheilo é possuil-o, as outras são secundarias.

AURELIA.—Ahl! Falta-me ainda, meu tio, recomendar-lhe um ponto. A palavra, alem de esquecer, está sujeita a equivoço. Não seria possivel tratar esse negocio por escripto?

LEMS.—Passar o sujeito um papel?.. Certamente; mas si elle roer a corda não ha meio de obrigal a casar.

AURELIA.—Não importa. Eu prefiro confiar-me a bonda dessa pessoa do que aos tribunaes. Com uma obrigação em que elle empenhe sua palavra, ficarei tranquilla.

LEMS.—Ha de se arranjar!

AURELIA. Eis o que espero de sua amizade.
LEMS. (Escreve na carteira e lê).—Manoel Tavares do Amaral, empregad da Allandega. A filha, D. Adelaide, trinta contos de réis. . . garantindo cincocontos. Fernando de cem e duzentos contos. (Para Aurelia) E?

AURELIA.—Só! . . .

LEMS.—Nada mais?

AURELIA. Nada mais senão repetir-lhe ainda uma vez que entreguel em suas mãos a unica felicidade que Deus me reserva neste mundo.

LEMS. Ha de ser muito feliz, eu lhe granto. Conte commig, Aurelia, que sou tão seu amigo como ful de seus paes.

AURELIA.—Jurai!

LEMS (Estendendo a mão solemne).—Jurol Aurelia deija the a mão e elle agradece levando a della ao coraço.

Tentação... o Baleeiro

(Continuação)

N'essa carta expunha elle os seus sentimentos e intenções para com a menina Esther, a quem pedia formalmente em casamento.

Consultada por sua mãe, Esther negou-se peremptoriamente a annuir ao pedido de Maciel.

Pedro Acacio julgou então opportuno intervir directamente em favor de seu amigo, e effectando ares de verdadeiro chefe de familia, assumiu a jurisdicção paterna e deitou opluencia... Tudo de balde. Em cada uma de suas pausas Esther deixava cahir esta unica palavra - «Nunca!»

Por fim Belmira pediu á sua filha que reflectisse; dava lhe oito dias para pensar; e em todo o caso não era bom precipitar-se assim as cousas.

O supplicio de Esther augmentára consideravelmente; recrudescera o seu tormento; o seu desespero era indefinivel, e tanto maior e mais voraz ella o sentia quanto mais se approximava o dia final do prazo marcado por sua mãe; o seu abatimento era visivel.

Em tal emergencia, ponderava Esther, que fazer?... Sacrificar-se áquelle homem, por quem sentia boje um odio infernal?... Oh! não; nunca!... Em ultimo caso preferia suicidar-se... E Juvenico! Ah! se elle pudesse adivinhar o perigo que a envolvia, abandonaria tudo e correria á salva a, arrebatando a ao inimigo commum... Se ao menos elle estivesse ainda na capital, tomaria a liberdade de enviar-lhe uma telegramma, mas, segundo a ultima carta que dirigiu á familia, estava em excursões, era impossivel.

De repente, porém, Esther teve um sorriso de alegria; manifestára-se lhe uma lembrança feliz: pediria um segundo prazo e ainda um terceiro, caso fosse necessario; isso dar-lhe-ia tempo para preparar um plano de defesa.

Chega o dia aprazado; Maciel apresenta-se, desajoso de receber pessoalmente a resposta almejada; Belmira interrega a filha; Esther responde dizendo apenas precisar de mais tempo para reflectir; o pretendeote mostra-se impaciente; a mãe insiste com todo o rigor de sua autoridade.

Esther sentiu-se então como abandonada da propria alma; e, num assomo de cólera mal contida, em que sobresahia magestoso orgulho, respondeu solemnemente:

— Pois hem, já que não tenho o direito de reflectir, aqui teem a minha resposta — não quero, não é do meu gosto, não aceito; e não me incomodem mais. E sahio da sala, deixando todos estupefactos, sem dar tempo a replicas.

Metteu-se no seu quarto e todo o resto do dia passou a chorar e implorar a protecção de Deus contra a furia d'aquelle inimigo implacavel.

Tentação, enfurecido com a resposta de Esther, convidou Pedro Acacio e sahio. Lá fora passou senha a seu alliado: — que não estranhasse a sua nova mudança; precisava dar uma lição áquelle atrevidasinha... Pretendera fazel a feliz, e para isso havia se regenerado, mas ella zimbou do seu amor e dos seus sacrificios; escarneceu de sua pessoa; agora a cousa seria outra: não quiz ser sua mulher, pois havia de ser sua amante; depois ficaria á vontade, e como as outras. Disto é que nem Christo a livrava, acceitou.

O resto d'aquelle dia passou Maciel a transmittir novas instruções aos seus auxiliares ou antes seus cúmplices.

Vinte dias depois d'aquelle scena de constrangimento commum, succumbia Belvira, victima de formidavel erysipela, que lhe ahrangeu toda a cabeça, tornando-a disforme e completamente despida de seu formoso cahillo; e contra a qual foram inuteis todos os esforços e impotentes todos os remedios. Originára-se da paixão subita e violenta que lhe accommettera — i firmava o medico.

Esther acabava-se agora sózinha no mundo; nem um parente, sequer, que lhe pudesse prestar auxilio. Entretanto, boa e amavel como era, não lhe faltaram offercimentos de pessoas amigas. (Continúa).

GEMINIANO ALVES BARDOZA.

CHRONIQUETA

Rio, 24 de Setembro de 1902.

Ponhamos hoje de lado a politica e tudo quanto lhe possa dizer respeito, e fallemos da Darclée.

Naturalmente as formosas leitoras da *A Estação* já viram e ouviram essa prodigiosa artista, romãica pelo nascimento mas franceza e ao mesmo tempo italiana pela arte. Pela parte que me toca, declaro alto e bom som que nenhuma outra cantora me agradou até hoje tanto como a Darclée, e note-se que não tenho ouvido poucas. Pelo menos a nenhuma vi alliar tão bem as duas artes, — a de representar e a de cantar. Vem-a e ouvil-a é um prazer indizivel. uma consolição deliciosa, uma sensação involvida.

E como se não bastasse a Darclée para fazer a ventura do nosso dilettantismo, aqui temos outra vez a Réjane que, voltando do Rio da Prata, resolveu não atravessar o Atlantico sem nos dar um ar da sua graça gauleza.

Bemvinda seja!

De vez em quando apparecem nesta capital alguns individuos que se vêm queixar ao *papae grande*. D'antes o *papae grande* era o Imperador, hoje é o Presidente da Republica. Para elles o Chefe do Estado é sempre o mesmo, quer seja príncipe, quer seja hacbarel. A politica é para essa gente uma coisa exotica e incomprehensivel. Felizes creaturas!

Felizes sim, porque a existencia deve ser deliciosa naquella sociedade ideal em que não ha politica nem dinbeiro, esses dous grandes ceotros da civilisação.

Estiveram nesta cidade, ha dias, alguns indios da tribu dos *pinagés* ou *apinagés*, e os pobres diáhi a andaram

por ali exhibidos como objectos de curiosidade. Levaram n'os aos theatros, aos cafés cantantes, ás touradas, á rua do Ouvidor, etc. e elles, resumido as impressões que lhe causou todo esse bulicio, declaram que a terra do *papae grande* não vale as invidias florestas onde nasceram.

Uma beroica professora publica, D. Leonilia Daltro, que já esteve durante alguns annos no sertão em companhia dos cbarentes, tomou sobre sua protecção esses apinagés ou pinagés, e acabou resolvendo ir com elles, acompanhando-os até as suas terras.

Gabo o gosto a esta senhora que, instruida como é, use aborrecer-se profundamente não só durante a viagem como em cbegando ao seu destino. A conversação dos selvagens não deve ser muito divertida para uma professora carioca. Ao que parece D. Leonilia inveja as glorias de José de Anchieta.

Que Deus a leve em paz e salvamento, e a livre de ser comida algum dia em que na toba escasseie a caça ou a pesca.

ELOY, O HERÓI.

THEATROS

RIO, 24 DE SETEMBRO DE 1902.

A Darclée chegou, viu e venceu. Pudéra! Sem recelo de contestação, pôde se afirmar que ainda não veio ao Brasil uma cantora tão completa.

Quando digo: «ainda não veio», refiro-me aos ultimos trinta annos, pois não sou dos bellos tempos do Provisorio; não ouvi a Stolz, nem a Lagrua, nem a Lagrange, nem a Carton, nem a Caudiani, que ainda conheci mas cega e na miseria.

A Darclée tem todas as vozes: faz da

garganta o que quer; é soprano absoluto, meio soprano ou contralto conforme as circunstancias. Em qualquer desses registros a sua voz é extensa e agradável, e o seu methodo de canto é o melhor possivel.

E' tambem uma boa actriz, embora não seja o que diz a prosa exaggerada dos nossos criticos. Chegaram a escrever que ella podia dar lições a Sarah Bernhardt. Não! até lá não vou eu. A Darclée é uma excellente cantora, que representa bem.

As representações da *Traviata* e da *Tosca*, e h'ntem a da *Aida* foram tres triumphos.

O empresario Sanzone desta vez lavrou um tento, — e é preciso notar que a Darclée tem sido bem acompanhada, principalmente pelo tenor Zenatello.

No Recreio temos agora uma peça sacra em 5 actos e não sei quantos quadros, intitulada *O Martyr do Calvario*, arranjada (de uma peça hespanhola, dizem) por Eduardo Garrido, que fez a sua traducção, ou imitação, em bonitos versos.

Não posso tomar a serio Jesus Christo peisoufficado pelo actor Olympio Nogueira, nem Santa Maria Magdalena representada pela actriz Aurelia Delorme; todavia, o espectáculo não deixa de interessar pela variedade dos quadros e pela inscenação. E' de crer que a peça faça carreira, e que toda a gente vá ver a Paixão do Senhor... no Recreio Dramatico.

Voltou de São Paulo, a companhia Ta veita, que reaparece hoje, no Arlio.

Segunda-feira proxima teremos de novo a grande Réjane que, de volta do Rio da Prata, dará de novo espectáculo nesta capital. Aita hem!

N. Y. Z.



Encontro pssaguairo. Segundo o quadro do Otto Rocknagol.

Fazendas, Modas

Armarinho

Recebe por todos os vapores, artigos de novidades parisienses.

Adopta o systema de vender por preços modicos para vender muito.

R. Gonçalves Dias, 29

J. BERNARDES

A LA PARISIENNE

Coqueluche Ilmo. sr. Servulo Genofre—Tenho a satisfação de communicar-lhe que, tendo sido meus filhos atacados de coqueluche, sararam todos em pouco tempo, usando apenas o seu especifico. Apesar de falarem a noticia de competencia, posso, entretanto, garantir, pela minha própria experiencia, que é realmente um medicamento muito eficaz contra a coqueluche, esse terrivel flagello das crianças. Póde fazer desta o uso que lhe convier. Da v. etc., DR. JOÃO ALBERTO SALLES.—Encontra-se na Rua S. João, 160 em S. Paulo; nas ruas 1.ª de Março 1 e 3 e Gonçalves Dias, 41 no Rio; na Drozeria Colombo em Santos; e em casa dos Srs. Silva & C. em Uberabá.

O melhor preparado para conservar, restaurar e aformosear o cabelo é **O Vigor do Cabello do DR. AYER.**



Conserva a cabeça limpa de caspa, cura erupções e impede o cair do cabelo. Quando o cabelo se torna secco, fraco, desbotado ou grisalho, este preparado restitue-lhe a cor primitiva e promove o seu crescimento, tornando-o vigoroso. Uma vez empregado, o Vigor do Cabello do Dr. Ayer torna-se o favorito das damas e homens da moda.

O Vigor do Cabello do DR. AYER...

A venda nas principais Pharmacias e Casas de Perfumarias.

PERFUMARIAS
Preços baratissimos

Para o cabelo: Agua de Quina tónica glicerizada a 15, 15000, 35, litro 45000. Oleo legitimo de cedro quizado 15, dito do Labosa 15, loções extra perfumadas 15, 25, litro 45000. Tumbão oriental 18000. Oleo fússimo em estubo 15. Para dentes: Pastas de Lyrio glicerinada, pote 15 e 15000. Pós dentifricos hygienicos 15, elixir dentifricos 25000. Para toilete: Agua de colônia extra 15, 25, litro 45000, agua Florida 5000, 8000, e 28 brilhantissimas 15000 pó do arroz fússimo 15 e 15000, velotino 25. Borrax de sabonetes, pura glicerina, glicerina e alantão, amendoada, e de óleos 15 e 15000, sabonete de alface 15 e muitas outras qualidades. Extratos superiores, cosmeticos. Loção Aceia espectral contra a queda dos cabelos e caspa a 45000. Toilete 67, Rua Sete de Setembro, 67. — Junto à Fabrica de Chocolate

DENTES ARTIFICIAES
A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA
Rua Gonçalves Dias N. 1 e Praia de Botafogo N. 198



UM SO'

vidro de **Lugolina** póde curar as molestias recentes ou promover grandes melhoras nas antigas, porque logo ás primeiras applicações produz effeito, estabelecendo nesta forma a confiança neste maravilhoso remedio, que não só no Brazil como na Europa tem obtido o maior successo que é possivel obter um medicamento.

A **Lugolina** do Dr. Eduardo França é b unico remedio brasileiro que tem tido as honras de ser adoptado na Europa, obtendo os maiores elogios de medicos e hospitaes, não só pela sua efficacia como porque é um remedio que, logo as primeiras applicações, produz effeito benéfico, não sendo como tantos outros que necessitam um uso prolongado para um resultado problematico.

A **Lugolina** não tem os inconvenientes das pomadas e unguentos, porque é liquido, sem gordura, sem cheiro, não suja o corpo nem as roupas e cura todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, brotoejas, comichões, suor fetido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, espinhas, caspa, queila dos cabellos, quelmaduras, empigens, assaduras das craxas, sarnas, tinha, boubas, golpes e qualquer erupção ou manifestação na pelle.

(AS SENHORAS)

que fizerem uso da **Lugolina** em Injecção podem estar absolutamente seguras de evitar qualquer molestia uterina e obter a cura das variadas pequenas affecções que tanto as incommodam e que deixam muitas vezes de tratar porque o seu pudor as impede de se sujeitarem a exame medico.

A **Lugolina** para o uso de injeções nas senhoras, deve ser na proporção de uma colher de chá para meio litro de agua morna, pela manhã e a noite.

A **Lugolina** vende-se em todas as pharmacias e drogeries. Depositarios: no Brazil—Araujo Freitas & C., ruas dos Ourives n. 114 e S. Pedro 99. Na Europa—Carlo Erba—Milão, Preço 3000.

MUSICA MODERNA
Para Piano

Valsas	Schottisches
Cora—Carlos T. de Carva... 15500	Arcaballo—Carlos T. de Carva... 15500
Melhores—Ismael Madel... 12000	Estor esp'ando Somb... 1400
Das que tem copyright—Au... 15500	Ricordantes—J. Azev... do Lemos... 15500
Syrtes—Carlos T. de Car... 15500	Estor—Carlos T. de Car... 15500

Os naturados de família—Carlos T. de Carva... 15000
Onde esta a grama—A. Felix... 15000
Que Tadiá—Paulino Sacramento... 15500
Dado d'atir a uestria—Carlos T. de Carva... 15000

A venda em casa dos editores **VIEIRA MACHADO & C.**
Deposito exclusivo dos acreditados planos de **JOHNS FURNACE**

51 - RUA DOS OURIVES - 51

Tonico Vegetal Restaurador dos Cabellos

Depois de ter usado de todos os tonicos para a cabeça que será apreciado este. Ao acaso encontrou-se esta receita, e descoberta do Indio Canjão no anno de 1791. A venda nas casas de perfumarias e pharmacias do Brasil, depositario: ANTONIO CARLOS MADEIRA - Vidro 45000. Rio de Janeiro.

Xarope Peitoral do Angico Composto
PREPARADO COM A ESSENCIA DO GOMMA DE ANGICO DO PAES E ALTERNADO COM MEXICOA

Este antigo e afamado xarope cura em poucos dias as tosse mais rebeldes, as bronchites mais antigas, as anginas mais incommodativas, as rouquias mais pertinazes, os coqueluches mais espasmodicos e as constipações mais chronicas.

PREPARA SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103 PHARMACIA BRAGANTINA

AVISO AS SENHORAS.

O'APIOL Dos Dos
JORET-HOMME

CURA AS DÔRES OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRA

DEPOSITO GERAL
Ph. G. SÉGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH^{as} E DROG^{as}

PILULAS DE BLANCARD

APROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

CRÈME SIMON

FAZIA conservar ou dar ao rosto **FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas do ar e da polveira, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON.**

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua accção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, 1889-1900
J. SIMON, 59, rue de Valenciennes, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMARIAS e lojas de Cabellos etc.

Desconfiar das Imitações.